

CULTURA E TÉCNICA

III

por ÁLVARO SALEMA

Como nota Georges Sorel em «Les illusions du progrès», a técnica contemporânea tem dado aos maquinismos aspectos cada vez mais geométricos, para obter deles um movimento progressivamente uniforme e de reduzida indeterminação. Além disso, como aceita o próprio Bergson, as máquinas são seres vivos e portanto destinadas a reter e aproveitar as correntes naturais ou artificiais de energia. Concebe-se assim com uma clareza imediata a relação entre a máquina e o trabalhador que a comanda — reforçando a energia recebida, conduzindo-a no sentido criador, dando-lhe *carácter* e potencia humana.

No tempo de Sorel, ainda bem próximo, era este o capítulo da ciência industrial mais ignorado ou reflectido com maior superficialidade. Nas últimas décadas, a chamada organização científica do trabalho obteve os resultados mais apreciáveis no que se refere à fadiga e aos reflexos psicológicos do esforço, embora eles continuem em máxima parte no domínio da observação técnica. (1)

Quanto à fadiga, demonstrou o prof. Charles Myers a necessidade de distinguir duas modalidades fundamentais: «Uma, súbita, que corresponde a um brusco consumo de energia, um «golpe de coleira» mensurável em aparelhos apropriados; outra, muito mais secreta, que corresponde à orientação total do organismo, à atitude genérica do trabalhador e à sua acomodação ao ritmo do trabalho, fadiga que não pode medir-se pelo ergógrafo e que constitui propriamente a fadiga industrial.

Assim delimitadas, ambas as espécies de fadiga são susceptíveis de uma acomodação, que pode levar-se tão longe quanto o permitirem a boa-vontade e a ordem económica dos homens; adoptando a capacidade individual do trabalhador a um ritmo científico do esforço. A primeira, por uma adequação psico-fisiológica, obtida numa permanente educação técnica, que lhe permita a concordância exacta entre as tendências do seu temperamento somático e o ritmo directo do esforço. A segunda, por uma redução do tempo de trabalho, proporcionalmente à violência imediata da tarefa a executar, além da regularização conseguida em variedades de esforço menos standardizado, como o trabalho agrícola intercalado nos períodos de trabalho industrial.

Para ambas, propõe a organização científica do trabalho uma adopção progressiva da máquina ao homem, organismo muito mais difícil de modificar do que o instrumento mecânico, mas por isso mesmo exigindo processos cada vez mais adequados na utilização do esforço.

O homem, mesmo considerado no individualismo mais estreito, é um valor de cultura que a máquina ameaça. E' preciso que as suas faculdades de ascensão e aperfeiçoamento não fiquem concretamente inutilizadas na conformação mais íntima e delicada, pelo transtorno orgânico do trabalho industrial.

Como lembra G. Friedmann num estudo esplêndido sobre «Problèmes du machinisme», este cuidado urgente é quasi sempre esquecido pela produção taylorizada, que nunca estudou cientificamente a fadiga industrial, nem evitou as consequências do seu cruel sistema de usura mecânica da força de trabalho.

Leva-se para as relações humanas uma ética — ou ausencia dela — que se funda exclusivamente numa espécie de determinismo económico: o homem é apenas entendido como um «complemento» da máquina, aproveitado na ordem

material do rendimento mecânico, com uma espécie de fatalismo que exclui toda a liberdade de juízo. Concebe-se a alma como um instrumento útil e põe-se à prova, não segundo as exigências da dignidade e da nobreza humanas, mas segundo as possibilidades que resultam do seu poder de «manoeuvre».

Ora isto é um pecado do erro e não uma fatalidade invencível. E note-se que para os valores da alma e da inteligência não era menos prejudicial, na sua generalidade, o exercício esgotante da mesma curta função para o trabalhador manual de outrora. O maquinismo permite um consumo muito mais abreviado do esforço — e numa actividade que, precisamente pelo seu carácter técnico, pode ser organizada em bases científicas para todos os sentidos da psicologia humana.

Simplemente, isso impõe um novo ângulo de perspectiva — a perspectiva da «pessoa» como espírito e como valor social de cultura, e não como unidade de rendimento económico. Talvez seja difícil a reflexão moral quando se agitam estatísticas no ritmo errado das condições de produção, mas a própria evolução económica se encarregará de dirigir uma justa consideração dos valores humanos... quando o mal já tiver *produzido* todos os seus frutos. O prejuízo histórico será então geral, e em muitos sentidos irremediável.

Os homens pagam sempre o duro resgate do passado, todos transportamos, neste caminhar de catástrofe, um peso morto de disparate secular.

O grande problema moral que se nos impõe é o de pensar se havemos de legar a mocidades futuras um erro agravado ou se nos é possível o esforço de o corrigir. E' sempre um problema de atitude perante o mal constatado e quanto ao caminho a percorrer; não falemos já dos que o esquecem, por ignorância ou interesse criminoso.

Isso acontece também com a teoria do enfraquecimento do esforço inteligente, que os militantes do pseudo-idealismo burguês julgam resolver com a supressão da máquina.

O prazer, intelectualmente criador, da dificuldade vencida, é um sentimento lúdico de carácter nobre de todo homem em acção. Enquanto essa possibilidade utilíssima do trabalho se verificava outrora no restrito domínio das pequenas operações manuais — sempre *especializadas*, contra o que afirmam os derrotistas — a máquina permitirá a sua aplicação em actividades de alcance psicológico mais alto, quando sejam escolhidas livremente pela preferência do trabalhador.

Demais, o próprio contacto da máquina como instrumento vivo e transformável, é, para o operário industrial, uma sugestão constante no sentido da iniciativa e da crítica. A máquina tem uma delicadeza típica de actuação; sob certos aspectos, uma «alma» que se oferece à consideração mental do que a comanda. Na realidade, só põe em jogo faculdades superiores, de amplitude cultural muito mais vasta que a dos instrumentos ligeiros do artífice. E se isso, em quasi todos os aspectos do trabalho de hoje é impossível ou difícil de pôr em prática, atribua-se apenas à organização defeituosamente autoritária e absolutista do sistema fabril vigente.

Fala-se largamente em falta de imaginação, monotonia, carencia de espontaneidade e variedade, com que os teóricos do regresso querem afirmar a bancarrota espiritual da técnica. Diz Gina Lombroso, em «Rançon du machinisme»:

«Uma engrenagem não tolera jôgo e demanda posi-

(Continua na página dezasseis)

1) A obra de Henri Wallon «Principes de psychologie appliquée», é modelar como coordenação e método e ao mesmo tempo de um alcance que não receia quaisquer conclusões.